

A Comunicação como Potência para Consolidação dos Espaços Coletivos de Escuta e Acolhimento no Ambiente Acadêmico¹

Judy Lima TAVARES²

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM.

Resumo

A vida acadêmica dos discentes pode ser marcada por diversos desafios. Intensa dedicação aos estudos, falta de recursos financeiros, distanciamento da família são questões que podem afetar a vivência dos alunos. Visando minimizar tais desafios, a comunidade universitária vem organizando atividades coletivas de partilhas, de natureza psicológica ou não, como rodas de conversas. É nesse cenário que objetivamos investigar a potência comunicacional para consolidação dos espaços de escuta ativa no ambiente universitário. Nosso estudo é de cunho exploratório, com a elaboração de uma revisão integrativa de literatura, com estudos de 2016 a 2024. Os trabalhos indicam o potencial comunicacional com: estratégias para divulgação das atividades, instrumentos e processos comunicacionais inerentes a formação dos encontros.

Palavras-chave

Comunicação; Saúde Mental; Universidade.

Questões introdutórias

A vivência universitária pode ser permeada de momentos desafiadores com dificuldades de diversas ordens, tanto para alunos da graduação quanto da pós-graduação. Dentre as situações, temos estudantes enfrentando dilemas financeiros, com a incerteza quanto à existência de bolsa de pesquisa ou extensão para dedicar-se integralmente aos estudos. Outra situação é de cunho relacional, quando precisam lidar cotidianamente com a saudade dos familiares e amigos, no caso daqueles que

¹ Trabalho apresentado na Sessão Temática – Ética, Comunicação e Riscos nas Relações Organizacionais, atividade integrante do XIX Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas.

² Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora Associada da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Líder do Encontro das Águas: grupo de pesquisa em Comunicação e Saúde na Amazônia, e-mail: judy@ufam.edu.br.

precisam mudar de cidade para poder ingressar na universidade. Temos, ainda, violências sofridas quanto a várias formas de preconceito, inclusive em relação aos discentes que entraram pelo sistema de cotas, como negros, indígenas e quilombolas.

No cenário da pós-graduação, os momentos de solidão da escrita acadêmica são questões que impactam a vida dos discentes, quando nem sempre têm a possibilidade de dialogar com o discente que deveria orientar a pesquisa. Outro ponto refere-se à forma de produtividade do pós-graduando, quando necessita atender aos prazos de submissão dos artigos para os eventos e revistas científicos, além de envolver-se com várias atividades enquanto cursa disciplinas e escreve seu projeto de dissertação ou tese.

Em busca de ofertar espaços nos quais os discentes se sintam acolhidos e possam, de forma orgânica, conversar sobre os desafios que perpassam a vivência na universidade, surgem as atividades de escuta ativa, como as rodas de conversa. O termo escuta ativa foi criado por Carl Rogers e Richard Farson e se refere a uma escuta terapêutica, empática e de compreensão do outro (Monteiro, Quixadá, 2023). Nesses espaços, os participantes, coordenados por uma pessoa mediadora, dialogam sobre os desafios que enfrentam no contexto universitário, tendo na partilha a possibilidade de formar uma rede de apoio que afete, de forma positiva, o sentimento de pertencer ao mundo acadêmico.

Diante disso, buscamos responder, neste estudo, qual o impacto das dinâmicas comunicacionais, enquanto processos, técnicas e práticas, para consolidação das atividades grupais dialogadas de escuta ativa, que ocorrem na universidade. Como objetivo, temos investigar a potência comunicacional para consolidação dos espaços de escuta ativa no ambiente universitário. Nosso estudo é de cunho exploratório e foi elaborado através de uma revisão integrativa, com trabalhos publicados no período de 2016 a 2024, no portal da *Scientific Electronic Library Online* e de Periódicos da CAPES.

As reflexões apresentadas, a seguir, são oriundas do projeto de pesquisa *A oralidade nos espaços coletivos de fala, escuta e acolhimento de pesquisadores em formação na pós-graduação* e do projeto de extensão *Escuta ativa no ambiente acadêmico*, desenvolvidos em uma universidade pública do norte do Brasil.

Alguns fundamentos em nossa discussão

De um mundo de possibilidades e conquistas, para os discentes, a vivência acadêmica pode se tornar um contexto de dor e sofrimento. Nesse sentido, Rossato *et al* (2024, p. 1033) elencam alguns desafios vivenciados pelos estudantes de graduação, como “a saída de casa, morar longe dos pais em uma cidade desconhecida, a incerteza em relação à escolha profissional”. A vida acadêmica pode trazer questões que promovem certa angústia sobre o contexto que a envolve, o que pode afetar, em algum grau, a saúde mental da comunidade estudantil.

Versando na mesma direção, Glatz *et al* (2022) apontam que sintomas de ansiedade e de estresse se fazem presentes na vida acadêmica no contexto da pós-graduação. O produtivismo e a exigência acadêmica são fatores estressores que impactam diretamente no estudante, gerando sofrimento psíquico e afetando a saúde mental dos discentes. Nas palavras de Glatz *et al*, (2022, p. 270), “quão polissêmico e multifacetado é o ambiente da pós-graduação, capaz de despertar potencialidades e/ou inquietações, de ser propulsor de sonhos e desejos ou de medos e angústias”. Temos, então, um contexto universitário de conquistas, mas permeado de perdas, com uma vivência acadêmica com coexistência de sofrimento psíquico e possibilidades acadêmicas.

Ainda que o sofrimento seja individual, o mesmo cenário universitário (sua estrutura de funcionamento e suas recorrentes práticas com potencial adoecedor) pode gerar, nos sujeitos, um reconhecimento de que, entre os pares, há compartilhamento de desafios semelhantes. Na dor do outro há algo que me comove, podendo ser a identificação de experiências similares na vivência universitária. Surgem, assim, as rodas de conversa como espaços necessários e seguros para a expressão coletiva das emoções e vivências dos discentes. Apontamos a característica da segurança pelo fato das atividades serem mediadas por pessoas que não estão vinculadas em uma estrutura hierárquica vertical, mas na horizontalidade.

Destacamos que esses espaços não visam substituir os atendimentos psicológicos individuais ou atender a demandas pessoais, mas são “uma nova maneira de se pensar os atendimentos considerando os sujeitos como autônomos,

políticos, sociais, culturais” (Rossato e Scorsolini-Comim, 2024, p. 01). Para os autores, é uma atividade frutífera, na qual há uma habilidade comunicacional específica de quem coordena e participa de tais espaços: a oralidade.

Ampliando a dimensão comunicacional, na próxima seção, apresentamos as dinâmicas comunicacionais, enquanto processos, técnicas e práticas, *que* contribuem para consolidação dos espaços de escuta ativa no ambiente universitário

Questões metodológicas

Para alcançarmos o objetivo de nosso estudo, que é de cunho exploratório, elaboramos uma revisão integrativa de literatura, com trabalhos publicados no período de 2016 a 2024, no portal da *Scientific Electronic Library Online*³ e de Periódicos da CAPES⁴, a partir dos descritores saúde mental, universidade, comunicação. A busca inicial resultou em 265 estudos, sendo feita um refinamento nos artigos, resultando em 14 trabalhos.

Os resultados foram organizados após a leitura dos 14 estudos e a identificação da presença de dinâmicas comunicacionais que afetam, de alguma forma, as atividades dos espaços de escuta ativa. Surgiram, assim, três dimensões da comunicação: 1) Estratégias comunicacionais para divulgação das atividades; 2) Instrumentos de comunicação para apoio das atividades; e 3) Comunicação como processo inerente a formação dos encontros.

A seguir, falaremos brevemente de cada uma das dimensões.

A potencialidade comunicacional para consolidação dos espaços de escuta ativa

Nas *Estratégias comunicacionais para divulgação das atividades*, encontramos o uso de perfis em redes sociais para divulgação dos encontros, como a experiência feita em uma atividade de acolhimento ofertada a estudantes de psicologia de uma universidade situada no estado de Minas Gerais (Rossato *et al*, 2022). Identificamos,

³ Disponível em <https://www.scielo.br/>

⁴ Disponível em <https://www.periodicos.capes.gov.br/>

ainda, a presença de uso de *slogan* que deixe explícito o convite feito aos alunos, como é o caso do projeto Chega Mais (Rossato *et al*, 2019).

Na dimensão *Instrumentos de comunicação*, encontramos o uso de material de apoio durante as atividades, como produção audiovisual, uso de textos, principalmente de literatura, fotos e *charge* (Rossato *et al*, 2019, 2022). Nesse caso, todo o material produzido foi utilizado especificamente como materialidades mediadoras (Gomes; Araújo; Comoniani, 2018), permitindo que os participantes relatassem suas emoções e experiências através do aspecto simbólico.

A última dimensão *Comunicação geradora dos encontros* está direcionada para as atividades dialogadas que são feitas no formato roda de conversa (Rossato *et al*, 2022; Rossato *et al*, 2019; Mota, Pimentel e Mota, 2023), destacando o aspecto da mediação que é inerente a quem coordena a atividade. Nossa compreensão é que este trabalho de mediação ultrapassa o foco de coordenar os espaços, e sim refere-se ao que França (2000) define como comunicação, “o estar com o outro”, a constituição de um mundo comum entre os envolvidos.

A mediação enquanto processo comunicacional nas rodas de conversa de escuta ativa refere-se a tornar emoções e experiências acadêmicas, boas e/ou ruins, como processos de conexão entre os participantes, ainda que se preserve a singularidade do que foi compartilhado. Conforme apontam Rossato e Scorsolini-Comim (2024, p. 06), a singularidade “está marcada pelo tempo, pelo contexto e pelo repertório de vida”. Para Moura e Lima (2014), essa troca traz um sujeito que elabora sua narrativa a partir de um coletivo de vozes, discursos e memórias que o compõem. São, assim, as experiências individuais narradas e recontadas em um coletivo, perpetuadas na vivência acadêmica comum compartilhada.

Referências

FRANÇA, Vera. V. *Interações comunicativas: a apreensão da globalidade da comunicação*. Comunicação e sociedade 2, Série de Comunicação, Cadernos do Nordeste. Braga: C.C.H.S, Univ. do Minho., Portugal, v. 14, p. 129-142, 2000.

GLATZ, Emanoela Thereza Marques de Mendonça *et al.* A saúde mental e o sofrimento psíquico de pós-graduandos: uma revisão de literatura em teses e dissertações. *Revista Educar Mais*, v. 6, p. 255-273, 2022.

GOMES, Claudia; ARAÚJO, Crislaine Luisa; COMONIAN, Julia Oliveira. Sofrimento psíquico na Universidade: uma análise dos sentidos configurados por acadêmicos. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, Salvador, Brasil, v. 7, n. 2, p. 255–266, 2018. DOI: 10.17267/2317-3394rpsds.v7i2.1909. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/1909..> Acesso em: 16 jan. 2025.

MONTEIRO, C. M. F. dos S.; QUIXADÁ, L. M. Reflexões sobre a empatia e a escuta ativa no contexto escolar. *Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo*, [S. l.], v. 5, p. e11420, 2023. DOI: 10.47149/pemo.v5.e11420. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/11420>. Acesso em: 13 mar. 2025.

MOTA, A. A. S.; PIMENTEL, S. M.; MOTA, M. R. S.. Expressões de sofrimento psíquico de estudantes da Universidade Federal do Tocantins. *Educação e Pesquisa*, v. 49, p. e254990, 2023.

MOURA, A. F.; LIMA, M. G. (2014). A reinvenção da Roda de Conversa: um instrumento metodológico possível. *Revista Temas em Educação*, v. 23, n. 1, p. 98-106. doi:10.22478/ufpb.2359-7003.

ROSSATO, L. *et al.* Acolhimento de vivências universitárias de estudantes de Psicologia: relato de uma experiência com grupos operativos. *Revista Thema*, Pelotas, v. 21, n. 4, p. 1028–1042, 2022. DOI: 10.15536/thema.V21.2022.1028-1042.2753. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/2753>. Acesso em: 30 abr. 2024.

ROSSATO, Lucas; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Chega mais: o grupo reflexivo como espaço de acolhimento para ingressantes no ensino superior. *Rev. SPAGESP, Ribeirão Preto*, v. 20, n. 1, p. 1-8, jan. 2019. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702019000100001&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 abr. 2024.